

«Sou alta» diz a Amizade.
 «Sou profundo» - diz o Amor.
 E lembram bem, na verdade,
 Montanha e vale, ao sol-pôr,
 Pois antes que o sol resvale
 Ao pélagos, onde se banha,
 Já dorme em sombras o vale
 E há ainda sol na montanha.

A montanha e o vale

COMPRIMIDO II



João Baptista Pinto Saraiva nasceu no Porto em 1866. Exerceu o cargo de Governador Civil de Vila Real e do Porto. Deputado nos anos que precederam a Primeira República. Frequentou a Escola Médico-Cirúrgica, que abandonou por doença, o mesmo

tendo feito pouco tempo depois de se haver matriculado no Curso Superior de Letras. Foi figura de relevo na poesia portuguesa contemporânea, quer pelo seu lirismo, quer pelo seu espírito satírico, cedo revelando a sua vocação. Em prosa publicou apenas uma evocação do Grémio Literário. Para o teatro, escreveu um pequeno ato em verso intitulado Máscaras, representado no Ginásio, em 1900, e, em colaboração com António Carneiro a revista País de Turismo. Colaborou em vários jornais – de Lisboa e Porto. Politicamente, a sua actividade foi intensa, mas não longa. Quando da cisão do Partido Regenerador, em 1901, ingressou no Partido Regenerador-liberal, fundado por João Franco. Depois da queda do Governo de João Franco, embora permanecendo fiel às suas ideias monárquicas, abandonou a política. Respeitado pelos seus adversários, a República manteve-o no lugar que ocupava no Parlamento, aposentando-se, no tempo legal, como 1.º redator do Diário das Sessões. Faleceu em 1948.

Esse colar de pérolas sem par
 Que te rodeia o colo acetinado,
 Parece que rolou, brando e magoado,
 Dos teus formosos olhos ao chorar...
 Foram rolando as lágrimas e acharam
 O teu seio tão pálido e tão frio
 Que, apenas a mais límpida caíu,
 As pobreza, tremulas, gelaram!

Colar de pérolas

COMPRIMIDO I

Novembro de 2014

Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

COMPRIMIDO III

Manhã

O Sol espalha umas arestas quentes
 D'ouro de lei; e na floresta verde
 Um feixe luminoso, que se perde,
 Desperta, acorda os líricos dormentes.

Palpitam asas e tilintam cantos!
 Há gargalhadas frescas e indiscretas
 Na multidão dos cálidos poetas,
 E bicadas depois... Se elles são tantos!...

Na rendilhada púrpura dos céus,
 Dado o sinal, a Natureza se ergue
 Gentil, madrugadora, religiosa...

O camponês afasta-se do albergue...
 Eu termino estes versos, que são teus
 E só tu não maduras,—preguiçosa!

COMPRIMIDO IV

Abstracta

No lago azul, onde outro azul se espêlha,
 Bóia uma pétala de flor vermelha...

(Há nas margens roseiras opulentas
 Que se desfolham sôbre as águas, lentas.)

No lago azul, a folha vai boiando,
 Talvez supondo que inda está cheirando...

E vão com ela, de pupilas quietas,
 Dois olhos doces como violetas !

— São os olhos da minha bem amada,
 Que estão abertos e não vêem nada!

COMPRIMIDO V

Flor

Teu hálito parece
 Um aroma de flor
 Que nunca se colhesse
 A aragem mal lhe toca
 Logo perfuma os ares...
 Que rosas singulares,
 Essas da tua boca!
 E a tua voz é doce
 A ponto de escutá-la
 E não saber quem fala:
 — Se tu, se alguma flor
 Que tão bonita fosse,
 Que Deus lhe desse fala!...

COMPRIMIDO VI

Filho de peixe

O pai, aterrado ao estudo.
 Teve grande nomeada.
 Foi sábio — sabia tudo...
 E o filho que sabe? — nada.

O pai, talento espontâneo,
 Tinha a faísca sagrada.
 O filho coça no crânio,
 Espreme os miolos — e nada!

Ninguém, portanto, se queixe
 Da sentença popular:
 “Filho de peixe
 Sabe nadar!”.

O PASSARINHO E O BURRO

Um garoto mostrava um rouxinol cativo...
Um pobre rouxinol, mais morto do que vivo,
A arquejar-lhe nas mãos, preso por um cordel!

Vendo o garoto a rit, (porque a Infância é cruel
Para as aves do céu), um filósofo austero
Mas bondoso, exclamou: «Criança, és como Nero!
A Tirania beija a bôca da Inocência
E faz dela a Maldade, a Fúria—a Inconsciência!
Essa ave, que prendeste, era a imagem alada
Da Liberdade a voar na abóbada azulada!
Era livre e cantava... O peito que respira
Livrentemente, criança, é um peito e uma lira!

Vejo um cordel infame e uma mão criminiosa...
Essa ave que nasceu para cantar, gloriosa,
Nos âlamos, à tarde, à beira dos riachos,
Quando o poente extingue os seus rubros fogachos,
Cortada! —vae morrer às mãos d'un assassino...
Nero era assim, tal como tu, em pequenino!

Deixa voar essa ave ao seu destino! Vês
Aquela árvore ao longe? É para ali talvez,
Que ela — livre afinal — ha-de voar, cantando...»

E o filósofo viu o pequeno chorando!
De repente, soltando o cordel que o prendia,
O rapaziço mais alegre do que o dia
Soltou no espaço livre o rouxinol...
No entanto,
Tinha-se feito, em volta, um grande grupo... E ao espanto
Sucedeu-se depois um tocante sussurro...

Ora estavam no grupo um saloio e um burro.
Tinha ouvido o saloio o discurso eloquente
Do sábio, e comovido, exclamou: «Francamente!
A Tirania é um crime... Este homem tem razão!
Este burro, que é meu, acaso é livre ? Não!
O seu destino qual será? Mistério imenso,
Insondável Mistério em que nem mesmo penso!
Ser escravo? — jamais! Este albardão que o oprime,
Da parte dele é opróbrio? É pois da minha, um crime!
Liberta-lo, é dever... Filósofo divino!
O dever é soltar o burro ao seu destino...»

E, tirando o albardão ao pobre do jumento,
Disse-lhe: « — És livre, — vae ! — como o vento!...»
O burro, ao vêr-se livre, ergueu logo a cabeça...
— «Ao meu destino — sim!...»

Depois, trotando á pressa,
Com pasmo do saloio e aos coices de alegria:
— «O meu destino é este...» E entrou na Academia!

Comprimidos Literários de João Saraiva

Ilustração de Sérgio Remondes

5

Titular da Autorização de Introdução no Mercado e Fabricante: www.correiodoportu.pt

Este folheto foi aprovado pela última vez no dia 31 de Outubro de 2014